

## Suplemento Cultural

## DESABAFO

**ABRÃO RAZUK** – vice-presidente da  
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Sabe-se que o ser humano, quando está sobrecarregado emocionalmente, guarda para si toda essa carga emocional que pode explodir em forma de violência.

Todavia, essa energia pode ser para o bem ou para o mal, depende da circunstância. Enquanto o ser humano existir essa energia é-lhe inerente. Ela é necessária para todo ser vivo.

Ela, porém, deve ser contida e equilibrada. Se, por exemplo, a energia não for blindada nos dois importantes mandatários, tanto o da Coreia do Norte quanto o dos Estados Unidos, pode desencadear-se uma guerra nuclear e toda humanidade obviamente perderá. Não haverá vitorioso e nem derrotado. Será uma hecatombe tal aquela que ocorreu na segunda guerra mundial, em Hiroshima e Nagasaki. O presidente Roosevelt deu ordem para lançar a bomba atômica em ambas as cidades japonesas acima mencionadas. Muitos morreram. O efeito foi devastador. Durante muito tempo



Arte conceitual de um filme sobre Guerra Mundial atômica

diversas pessoas ainda vieram a morrer de câncer mercê da irradiação nuclear. Atualmente, fala-se em “bomba de hidrogênio”. Se for lançada, talvez não sobre ninguém para contar a história...

A vida banalizou. O mundo está em crise em toda expressão semântica.

A violência está presente no mundo. A mídia mostra-nos coisas terríveis e absurdas. Acompanhadas pelas redes sociais.

A família se desintegrou mercê da notícia de letéria e imoral.

Houve um crescimento material e tecnológico imenso o qual não foi acompanhado pelo poder espiritual, a matéria sobrepujando o espírito, daí a explicação de todos os desajustes sociais dos seres humanos.

A vida dos animais irracionais passou a ter mais valor do que a do homem.

Inversão do princípio axiológico.

O mundo precisa de paz e equilíbrio. Precisa de mais racionalidade e amor.

Destarte, o desabafo desse escritor é fruto da imensa preocupação com a vida nesse planeta belicoso e infeliz.

Paremos para refletir e orar a Deus para que os mandatários do mundo pensem nas crianças e lembrem-se de que elas têm o direito natural de sonhar e de se realizarem social e pessoalmente, sobretudo, de viverem condignamente em família, em paz, com educação, saúde e segurança. Que sejam educadas longe dessa epidemia da corrupção que devora a economia e finanças dos países.

Que as crianças cresçam sadias física e mentalmente e atinjam seu ciclo de vida felizes, daí minha alerta.

Campo Grande, 27/09/2017

“

Paremos para refletir e orar a Deus para que os mandatários do mundo pensem nas crianças e lembrem-se de que elas têm o direito natural de sonhar e de se realizarem social e pessoalmente (...)

## Viagem ao coração das lembranças

**MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA**

15 de outubro - Dia do Professor. Seguíamos em direção à cidade de Paranaíba, enquanto a mente deslizava nas planícies do tempo, ao lado de Eliza e Sylvia Cesco, um dia minhas alunas, hoje colegas nas andanças do magistério. Transcendíamos as esferas do hoje para percorrer os caminhos do tempo, que não se perdeu, porque ficou guardado no cristal da memória.

E assim, atravessamos os corredores do Colégio Estadual com Dona Constança, estivemos nas salas de aula da FUCMT com os Padres Félix e Ângelo, enquanto sorrisos e lembranças iam tomando leves as quatro horas do percurso.

De repente, o sorriso do Prof. Dr. Ademilson Batista Paes recebe-nos na Unidade Universitária da UEMS daque-



Praça da República - Paranaíba/MS

le Município, para o I Colóquio Educação e Memória, promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação - Centro de Educação e Memória da Educação Sul-Mato-Grossense, do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação, sob a coordenação do já citado Prof. Dr. Ademilson, Dra. Estela Natalina Mantovani Bertolotti e Dra. Milka Helena Carrilho Slavez.

Na ocasião, foram homenageados os Professores Alfabetizadores na cidade de Paranaíba e também do seu meio rural, de 1940 a 1970.

Personagem de um filme de Fellini, senti-me parte de um contexto que foi minha vida por mais de quarenta anos, participando da vida de tantas crianças, adolescentes e adultos a quem tentei não apenas ensinar a decodificar signos, mas a apalpar as entranhas da

vida para senti-la em plenitude, dando-lhe o merecido significado.

Mais de 50 professores desfiaram em seus depoimentos os sonhos de toda uma vida em que o magistério, mais que profissão, foi jeito de viver, concedendo-lhes o privilégio da eterna juventude e a consciência de serem cúmplices da transformação de personalidades, da construção de novos padrões sociais calcados na dignidade de ser e de agir.

O retorno ao ontem prolongou-se para mim na descoberta de que a pesquisa dos anos 1990, patrocinada pelo MEC/INEP, por meio da qual percorri os mais significativos municípios de Mato Grosso do Sul, ao lado da Profa. Idara Duncan, filmando e entrevistando professores, com idades entre 60 e 90 anos, e que resultou no livro Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul, de minha autoria, bem como no vídeo de Cândido Alberto da Fonseca, que estão sendo utilizados no magnífico trabalho que iluminou o Dia do Professor da UEMS de Paranaíba.

Foi como afirma o verso de Drummond: as coisas tangíveis desaparecem “mas as coisas finidas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

Felizmente existe a memória para conferir significado às coisas reinventadas.

Ensinar é liberdade de criar, sonhar, reinventar.

## POESIAS

## O QUE CHAMAM DE NEUROSE

há muito não andava a pé pela cidade  
não visitava em cada esquina um país  
não dava informações  
partilhava conduções  
reivindicava aflições  
não me entregava aos sinais  
olhos | furtivos da cidade  
passos  
não sentia tanto medo  
presentia tanto perigo  
me entregava ao desespero  
ao ordenar-me atos furtivos (a cidade é belo-triste  
os países das esquinas tragilindos  
os encontros estranhos)  
fiquei contente ao me trancar em casa  
e olhar a vida pelas frestas da veneziana da minha janela  
acho que a cidade está me deixando louco ou ficando louca  
não saio mais a pé sozinho  
ou apenas com uma mulher doce-frágil  
o que acontece?

## HENRIQUE DE MEDEIROS

## Orlando pelo Aquidauana

**JOSÉ PEDRO FRAZÃO** – jornalista/escritor,  
secretário da ASL

Nos anos oitenta, quando se me apresentaram os versos de Orlando Antunes Batista, morei num de seus poemas onde habitava a pena criadora desse escritor conhecido como o Poeta do Pantanal e que se tornou conhecido, mais tarde, pela crítica goiana capitaneada pelo imortal escritor José Fernandes, como o Artista da Linguagem: “Minha casa fica sempre no mundo, vazia, sem primeiro ato. Fica eterna na boca do poço” (do seu livro Espaço da Esperança - 1981).

De lá pra cá, seus cânticos e versos batizaram o pantanal e continuaram orlando para o mar, feito kadiwéus no dorso preguiçoso do Rio Aquidauana. O menino serelepe de Rancharia, gerado na poesia e nas histórias de Lobato, conheceu também Drummond, Lobivar, Manoel, Gilberto e outras rodas de tereté, onde sorveu letras de chão e de Mato até reinventar a linguagem do boi e divinizar a voz de Alzira Espíndola com a composição da música Nossa Senhora do Pantanal. É dono do verso polêmico em que diz que “em Aquidauana, boi é cidadão” (referindo-se à convivência pacífica entre o homem e o boi pelas ruas de outrora). E também encantou Anastácio “entoando no portal do pantanal um belo hino de alegria num amanhã que se faz todo dia.”

“

Há uma pedra valiosa orlando de volta no meio do caminho da Literatura Sul-mato-grossense”

Mas o poeta virou Barão da Literatura e saiu rimando bioma com idioma pelos grandes centros culturais do País, ensinando a abrir mentes, livros, portas de escolas e portais pantaneiros, com muita poesia e toda prosa. Acendeu, entre seus quase quarenta livros, uma recente **Estrela de Fogo**, trazendo de volta a sua flauta de Pã, cantando **Sirinx, Pantanaís em Haicais**, na cumplicidade de deuses, ninfas e ninjas. Os haicais, dísticos e gazéis, que nesta obra se orquestram, extrapolam os “olhos trila-goanos” do poeta que comeu cabeça de aquidauanentos pacus e o “Pão que Pã amassou” na Serra de Bodoquena. E para sobreviver nos pântanos, chegou a usar chapéu de peão e a dar vida ao morro convivendo com bugres e “bugrinhas” da Conceição.

Entre a fé e o pecado da reação na palavra, ele reforça a ideia meio nihilista da criação do mundo pela explosão de um poema no paraíso ecológico, na lógica de sua nova poesia: “Top model no jardim; Pã fez molde do nada”; “Silêncio, nasce uma folha” - ao estilo telúrico de Manoel de Barros, de quem se tornou uma espécie de epífita literária.

Há uma pedra valiosa orlando de volta no meio do caminho da Literatura Sul-mato-grossense.

Meio índio, meio boi, meio Pã, o Barão da Linguagem retorna para nos revelar a castidade de Sinrix e nos convida para uma caçada oriental nas folhas de uma Estrela de Fogo, que se fez livro para romper o silêncio do ocidente.

A flauta de Pã está novamente orlando por aí.

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

**ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS ELEGE DIRETORIA PARA O TRIÊNIO 2017/2020** - Em assembleia geral realizada na sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no sábado p.p. (07/10), com grande presença de acadêmicos, foi aclamada a nova Diretoria da Entidade, para o triênio 2017/2020. O acadêmico Abrão Razuk,

foi nomeado coordenador eleitoral, acompanhou todo o cronograma estabelecido no Edital próprio (e devidamente publicado) e observou os procedimentos relativos à presente eleição. Terá início no próximo 31/10 o mandato para o qual foi eleita esta Diretoria, que será empossada solenemente em 30/10, quando a Academia comemora 46 anos de

sua fundação. A chapa eleita e que comandará os destinos da ASL pelos próximos três anos é formada pelos seguintes integrantes/acadêmicos: Presidente - **Henrique de Medeiros**; Vice-Presidente - **Raquel Naveira**; Secretário-Geral - **Rubénio Marcelo**; Secretário - **J. P. Frazão**; 1ª Tesoureira - **Elizabeth Fonseca**; 2ª Tesoureira - **Valmir Batista Corrêa**.